

# Apresentação do Dossiê Políticas, Mercados e Violência no Norte e Nordeste do Brasil

*Fernando de Jesus Rodrigues (UFAL)*

*Fabio Magalhães Candotti (UFAM)*

*Luiz Fábio S. Paiva (UFC)*

*Karina Biondi (UEMA)*

As políticas e mercados criminais no Norte e Nordeste do Brasil ganharam espaço nos veículos de comunicação de massa a partir dos conhecidos “massacres” em presídios de Roraima, do Amazonas e do Rio Grande do Norte, entre fins de 2016 e o primeiro mês de 2017<sup>1</sup>. Ao lado e através de velhas preocupações humanistas e securitárias com as prisões brasileiras, tidas como lugares de comunicação e recrutamento criminal, emergiu no debate público o espraiamento, através de fronteiras estaduais e nacionais, de redes criminais que teriam como centros de origem os estados de São Paulo e Rio de Janeiro e como protagonistas duas “fácções”: o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV). De acordo com essa narrativa, a “expansão” desses coletivos criminais e a ruptura da antiga aliança que os unia explicaria não somente os massacres como, também, a proliferação de novas facções estaduais e regionais e um subsequente crescimento das taxas de homicídio em diversos estados brasileiros.

Essas redes criminais e, também, o arquipélago carcerário brasileiro passaram a mobilizar a atenção de pesquisadoras e pesquisadores, principalmente paulistas, além de ampliar o campo

<sup>1</sup> Detalhes dos acontecimentos podem ser encontrados em Alves et al (2016), Alessi (2017), Correia (2017), Araújo (2017). Para reflexões acadêmicas sobre essas rebeliões, ver Candotti, Melo da Cunha e Siqueira (2017), Amarante e Melo (2020) e Prando (2021).

de pesquisa na direção das fronteiras nacionais (Manso e Dias, 2018; Feltran, 2018; Lima, 2017; Mallart e Godoi, 2017; Hirata, 2019; Paiva, 2019a; Rodrigues e Amorim, 2020; Couto, 2020b; 2020d)<sup>2</sup>. Esse objeto motivou um novo interesse pela produção acadêmica de regiões periféricas do país, resultando em um novo e intenso diálogo entre pesquisadoras e pesquisadores, até então muito restrito, disperso e descontínuo. Ou ainda, o que sempre havia sido um interesse de mão única, passou a ser de mão dupla<sup>3</sup>.

No entanto, a produção acadêmica sobre violência, crime e política elaborada sobre e a partir das regiões Norte e Nordeste não se inicia com os massacres ou com a expansão de facções de São Paulo e Rio de Janeiro. A problematização da “violência” no Nordeste, como agressividade que pode culminar em morte, foi feita primeiro em ensaios e no romance brasileiro. Ela se confunde com a reflexão sobre a “violência” no Brasil como país-nação. A partir dos anos 1960, entretanto, percebe-se uma perspectiva propriamente das Ciências Sociais sobre o fenômeno. A rivalidade familiar, o banditismo (cangaço) e o trabalho no campo estiveram entre os principais temas que levaram à análise de tradições de resoluções de conflitos com base no assassinato. Os três fenômenos foram perspectivados por pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em dilemas e questões de seus próprios grupos sociais, marcadas pelo golpe civil-militar de 1964 e pela perseguição ditatorial aos intelectuais.

2 Trata-se de um dos desdobramentos de investigações realizadas por pesquisadores e pesquisadoras que, há mais de uma década, acompanhavam de perto e por meio de perspectivas variadas o funcionamento e transformações dos coletivos criminais dentro e fora das prisões paulistas (Biondi, 2010, 2018; Telles, 2010; Feltran, 2011; Dias, 2013; Mallart, 2014; Marques, 2014; Hirata, 2018; entre tantas outras). Estes, por sua vez, dialogavam - explícita ou implicitamente - com a produção fluminense precedente (Zaluar, 1985; Machado da Silva, 1993; Barbosa, 1998; Misse, 1999).

3 Exemplo disso foram dois eventos ocorridos em 2018: a IV Oficina de Estudos Urbanos, coordenada por Taniele Rui e realizada na UNICAMP, e um workshop na USP como atividade do projeto “Gestão da ordem urbana: a experiência paulista”, coordenado por Vera Telles.

Tal situação, de alguma maneira, criou as condições para o desenvolvimento de uma teorização sobre violência e lutas políticas entre os grupos subalternos no Nordeste. Lygia Sigaud, Moacir Palmeira e Beatriz Heredia foram pioneiros na condução de etnografias das violências de patrões e milícias contra trabalhadores do campo e entre famílias políticas, curiosamente nomeadas como facções (Sigaud, 1980, 1986; Heredia, 2006; Palmeira, 2006). Esses estudos dialogaram com pesquisas sobre frentes de expansão, fronteiras, migrações e indigenismo na Amazônia brasileira, permeadas com mais ou menos intensidade pelo interesse nas transformações da violência armada (Velho, 1972; Oliveira, 2015, 1988; Martins, 2009). Trabalhos sobre as formas de intrigas, brigas e “questões”, e como elas produziam famílias políticas, encontram desdobramentos atuais (Marques, 2002; Vilella, 2004, 2009) assim como a de trabalhadores no campo (Freitas, 2003). As tradições de violência, compreendidas aos olhos de hoje como criminais, foram desdobradas por herdeiros e herdeiras dessa tradição de estudos no Nordeste.

Ao considerar grupos e coletivos envolvidos em ações ilegais ou marginalizados em função de seu enfrentamento e resistências aos dispositivos de controle social, estudos como o de Glória Diógenes (1998) mostraram como as gangues se fizeram presentes no mundo social cearense<sup>4</sup>. Numa outra direção, foi estudando a realidade de trabalhadores pobres que César Barreira (1998) se deparou com a realidade de crimes por encomendas, ou seja, decorrentes da contratação de pistoleiros. Embora as pesquisas sobre violência no Nordeste tenham encontrado em grupos armados constituídos por homens seu principal foco de atenção, trabalhos como o de Almeida (2001) ajudaram a compreender o imaginário social em torno de crimes de homicídios praticados por mulheres, explorando o universo simbólico de acusadas de assassinato. São estudos que ajudaram a problematizar a teia de

4 Em Manaus, é famosa a experiência das “galeras” e “galerosos”, ainda pouco pesquisada. Para um estudo de história oral e documental ver Oliveira (2017).

significados em torno de práticas de violência, oferecendo uma leitura de margens e externa à razão instrumental das forças institucionais e dispositivos de lei e ordem.

Os estudos seminais de Almeida, Diógenes e Barreira, todos realizados no Ceará, possibilitaram não apenas um olhar sociológico a respeito do crime, mas uma compreensão sociológica dos sentidos de uma ação que é política. É importante ressaltar que essas práticas cotidianas (ou “pequena política”) não constituem uma dimensão social à parte; elas se realizam na família, na religião, no modo de vida camponês, nas relações de vizinhança, na adesão partidária e também na violência. Por muito tempo esses fenômenos foram considerados residuais ou irrelevantes, desconectados da política institucional, partidária ou oficial. Entretanto, o que esses estudos revelaram é que essas práticas cotidianas conformam, incitam, orientam e até estruturam a “grande política”<sup>5</sup>. Essa perspectiva é uma marca deste dossiê. Afinal, desvendar os sentidos e os modos como as pessoas realizam seus projetos de vida ainda é um dos desafios dos cientistas sociais do presente. Mas cabe destacar que, entre as publicações seminais de Barreira, Diógenes e Almeida, outros trabalhos seguiram essa vereda, como veremos a seguir.

5 Não por acaso, o livro de César Barreira foi publicado na Coleção Antropologia da Política, organizada pelo NuAP (Núcleo de Antropologia da Política), grupo do qual o autor participava. Sediado no Museu Nacional (Rio de Janeiro), o NuAP reúne pesquisadores de diversos estados brasileiros dedicados ao estudo da “pequena política”, que diz respeito aos modos de gestão e deliberação da vida cotidiana, em diferentes contextos. Atentos a como as pessoas concebem suas experiências (o que guarda proximidade com o que Foucault [1999] chama de “saberes sujeitados”) e marcados pela etnografia, esses trabalhos colocavam em xeque grandes conceitos cristalizados na ciência política, adicionando camadas interpretativas e multiplicando seus significados. A coleção Antropologia da Política está disponível para download em <http://nuap.etc.br/category/colecao-antropologia-da-politica/>. Uma reflexão sobre os ganhos analíticos dessa perspectiva para os estudos sobre crime, ver Biondi (2021).

## O acúmulo do Norte e Nordeste

Na história do Norte e Nordeste brasileiros, múltiplas violências alcançaram os grupos subalternos. Massacres sistemáticos foram feitos a seus povos, linguagens, subjetividades, vidas. Pesquisas foram realizadas sobre a violência promovida pela ação política do colonizador em sua ambição de destruir e moldar “as novas terras” à imagem de sua razão extrativa e hierárquica (Schwartz, 1988; Weinstein, 1993; Cerno; Obermeier, 2013), embora ainda haja muito a se investigar sobre a extensão dessas ações. A subalternização dos povos africanos marca a cultura de uma forma traumática, com repercussões nas formas racializadas de discriminação de trabalhadores e trabalhadoras, ainda hoje mortos por forças policiais orientadas para a manutenção de uma sociedade desigual e injusta. Além disso, parte importante das elites brasileiras foram promotoras de políticas da dor e da violência que marcaram e ainda marcam os grupos subalternos. Famílias e povos indígenas inteiros foram assassinados em prol das ambições econômicas de senhores de engenho e usineiros, comerciantes internacionais, seringueiros, coronéis e gestores estatais que, até hoje, manobram forças policiais e milícias próprias para prender, matar e extorquir pessoas pobres em favelas, campos e florestas deste país.

A questão territorial é central aqui. Nesse sentido, muitas pesquisas foram e são realizadas a fim de refletir sobre as disputas territoriais no Norte e Nordeste, especialmente envolvendo populações tradicionais. Não há espaço, aqui, para fazer uma discussão com essa ampla bibliografia; embora seja urgente colocar em relação as disputas territoriais que se dão nos campos, nas florestas e nas cidades. Isso porque o território, tão caro aos povos tradicionais do Norte e Nordeste, se transformou em interesse de estudos que passaram a buscar entender as políticas, violências e mercados criminais constituídos pelas populações

que estão nas margens<sup>6</sup>. Nesse sentido, ao analisar os efeitos sociais da violência experimentada por jovens integrantes de gangues em territórios urbanos da periferia de Fortaleza, o trabalho de Marinho (2004) revelou como a experiência deles era interpretada pelas suas viúvas, que viviam a dor e a maternidade após a morte de seus companheiros. Outros estudos, realizados na mesma cidade, como os de Cavalcante (2011), Matos Júnior (2014), Sá (2011) e Paiva (2014), buscaram entender os sentidos da violência em territórios marginalizados e como isso repercutia em diferentes fenômenos relacionados à prisão em massa, genocídio de pessoas negras, violência policial, expansão dos homicídios entre jovens pobres, conflitos armados e gestão de comunidades por grupos armados. Estes estudos buscaram compreender experiências e sentidos sociais do fenômeno da violência que, conforme explicou Freitas (2003) em seu estudo seminal sobre relações de poder no mundo canavieiro de Alagoas, é constituído por múltiplas percepções e significados.

Diferentemente, agrupamentos não territorializados foram o tema de pesquisa de Aquino (2010), que abordou a experiência de redes e performances de coletivos constituídos para realização de assaltos a banco. Ribeiro de Oliveira (2014), em sua pesquisa junto a mulheres encarceradas ou em liberdade assistida em Recife, discute a participação de mulheres nesses coletivos, mas também em outros crimes. A perspectiva de gênero marca também os trabalhos de Santos (2015) sobre mulheres aprisionadas no Rio Grande do Norte e de Pereira (2015) sobre sexualidade de adolescentes em um centro socioeducativo de João Pessoa. Pesquisas sobre as dinâmicas cotidianas das prisões no Norte e no Nordeste (bem como sobre seus entornos, sobre seus

6 É importante lembrar que desde as resistências indígenas e das populações africanas até as batalhas travadas pelo cangaço e outras guerras como as de Canudos e dos Cabanos, o Norte e Nordeste foram cultivados por ações políticas atualizadas “nas margens” de aparatos estatais e mercantis coloniais e, posteriormente, nacionais. Entretanto, fizeram disparar reações centrais e centralizadas para garantir a “ordem pública”, como descrito por Villela (2011).

impactos e relações extramuros) também foram desenvolvidas por Cavaltante (2006), Moreira (2007), Sousa (2008), Carvalho (2009), Carvalho Filho (2010), Segundo (2011), Oliveira (2012), Lourenço e Almeida (2013) e Siqueira (2016), Rodrigues (2017), Silva e Gomes (2020).

Na última década, na região da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, formou-se uma rede de pesquisadores e pesquisadoras experientes ao redor do Observatório da Violência de Gênero no Amazonas (OVGAM). Antes da nova atenção midiática com a rota do tráfico de drogas, a rede desenvolveu estudos sobre mercado do sexo, gestão dos ilegalismos, regimes de mobilidade, formas de presença militarizadas e assistenciais de estado. Em suma, empreenderam um conjunto de pesquisas feitas em torno do “governo da fronteira” que lidou com fenômenos atravessados por violências das mais variadas (Olivar, 2015, 2017; Melo e Olivar, 2019; Albuquerque e Paiva, 2015; Paiva, 2015, 2019a).

É inegável, portanto, que estudos das Ciências Sociais sobre atravessamentos entre violência, crime, mercado e política não são algo novo no Norte e Nordeste brasileiros. Entretanto, os massacres prisionais de 2016/2017 constrangeram a agenda pública de questões sociais e de pesquisa nessas regiões, de maneira especialmente impactante. De um lado, pressionaram a inscrever as facções como um tema político e público, experimentado como problema social e de “segurança pública” do país, portanto, espalhado por diferentes regiões. De outro, colocou as pesquisas sobre mercado e política criminal feitas no Norte-Nordeste em evidência, além de pressionar a agenda para compreender a expansão das facções (Candotti, Melo da Cunha e Siqueira, 2017; Melo e Rodrigues, 2018; Siqueira e Paiva, 2019; Paiva, 2019a, 2019b; Paiva, Barros e Cavalcante, 2019; Aquino, 2019; Carvalho e Santos, 2020; Rodrigues, 2020a, 2021; Rodrigues, Carvalho e Santos, 2020; Couto, 2020a, 2020b; Lopes Silva e Bezerra, 2020; Rodrigues, 2020b; Carvalho, 2021; Santos, 2021; Matos Júnior e Santiago Neto, 2021; Melo e Paiva, 2021).

Duas direções têm se consolidado nessa agenda, ambas sob a chave da mudança do crime no Norte-Nordeste. De um lado, a alteração nas formas de exercício do poder em periferias urbanas. De outro, as transformações nas maneiras como os mercados são agenciados. Em ambas as direções está a mutação das figurações sociais e dos atores e atrizes criminais, políticos e mercantis, expressas em um passado de fragmentação das quadrilhas, gangues e bandos e em um presente de maior concentração e coordenação do exercício do poder e das trocas mercantis promovidas por irmandades-facções, a partir de prisões. Mesmo nos contextos em que não há diretamente a presença das facções nacionais, apesar de elas estarem presentes indiretamente, o tema das agências política e mercantil do e no crime, a partir das cadeias e periferias, se tornou mais visível no Nordeste (Conceição, 2016; Daudelin e Ratton, 2017; 2018; Alencar, 2019; Rodrigues, 2019). Especificamente em Manaus, uma geração mais recente iniciou estudos sobre práticas e representações de violências cotidianas que problematizaram a singularidade urbana local e deram atenção a práticas de segurança de rua e de linchamentos, conduzindo a uma reflexão coletiva sobre um vigilantismo difuso voltado contra pequenos ladrões (Lima Correa, 2017; Pinheiro, 2017; Candotti, Pinheiro e Alves, 2019; Godinho Neto, 2020).

Nesse sentido, este dossiê busca contribuir com um vasto campo de conhecimento que, em diferentes momentos da história dessas regiões, se desenvolveu por meio de pesquisas sobre violência, crime, justiça e política que enfatizaram mais as políticas da vida do que as expressões formais de realidades institucionais (como, por exemplo, o Estado nacional). Nota-se, assim, que todos esses trabalhos foram realizados a partir de uma perspectiva que coloca em primeiro plano os modos de regulação da vida cotidiana por atores localmente e diretamente implicados. Atentos às políticas cotidianas que permeiam o crime e as prisões desses Estados, evidenciaram as singularidades dos modos de funcionamento do que vem sendo homogeneizado por nar-

rativas hegemônicas (sob os nomes de “facções nacionais”, por exemplo).

A condensação de pesquisas relacionadas ao contexto atual guarda o potencial de estimular maior diversificação sobre a produção de trabalhos nessa área, para abarcar outros estados do Brasil. Tal diversificação parece importante para a promoção de um programa de colaborações com foco em comparações de contextos urbanos e criminais que nos dê uma visão de síntese do mundo urbano brasileiro nos anos 2010. Afinal, não se trata apenas de uma agenda de pesquisa sobre o crime, como muitas vezes esses trabalhos são lidos, em chave estreita. Trata-se de um acúmulo de conhecimento sobre as direções da política, do mercado e do estado e as produções de margens e marginalizações urbanas, entrelaçadamente locais, nacionais e globais.

## Encarceramento, mercados e mobilidades marginais

O dossiê inicia com quatro artigos produzidos no interior da rede de colaboração do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará. Esse laboratório tem promovido uma agenda de pesquisa sobre política e mercados ilegais no Nordeste e, mesmo, no Norte do país e seus integrantes nos brindaram com um esforço muito valioso para compreender os contextos criminais nas periferias de Fortaleza na última década.

Em **Mercados ilegais e dinâmicas criminais: notas sobre as transformações do tráfico de drogas nas periferias de Fortaleza, Ceará**, Clodomir Cordeiro de Matos Júnior, João Pedro de Santiago Júnior e Artur de Freitas Pires analisam as transformações dos mercados de drogas nos últimos 30 anos. O texto apresenta um esforço de síntese para compreender a emergência de um novo contexto criminal, sobretudo ao redor do comércio da maconha. Trata-se da cidade nordestina

mais pesquisada atualmente, sob a perspectiva da política e dos mercados criminais. O destaque analítico está no aumento de enunciados de melhoria de vida por parte de interlocutores e na atuação das facções como coletivos criminais que impuseram novos ritmos e procedimentos ao mercado. Os autores ainda avaliam a mudança de conflitos juvenis atrelados a disputas por bocas, um foco que ajuda a compreender o curso que vai da maior fragmentação das quadrilhas e outros coletivos criminais ao maior controle e regulação do poder nos territórios por grupos faccionados.

Por sua vez, em **Entre o 157 e as “correrias”: as dinâmicas da violência e do crime em Fortaleza**, Suiany Moraes se dedica às transformações recentes na dinâmica criminal num bairro peculiar dessa capital, o Benfica, considerado geralmente como central e de classe média, mas que inclui cinco comunidades pobres. A partir da convivência cotidiana com jovens dessas comunidades e engajados no crime, a autora narra um processo de profissionalização das práticas de roubo. Apesar de não controladas com afinco (ou até estimuladas) pelo crime faccionalizado, essas práticas se expandem para fora das comunidades e do bairro e intensificam um circuito de dívidas de objetos entre jovens. Quanto ao tráfico de drogas, Moraes discute como a presença das facções reorganizou de maneira seletiva mas não conseguiu homogeneizar a diversidade de formas desse comércio, que envolvem desde microtraficantes autônomos e móveis até “organizações empresariais familiares” mais ou menos fixas territorialmente, com diferentes graus de conexão entre si e com as facções.

Já o artigo de Luiz Fábio S. Paiva, **O domínio das facções nas periferias da Zona Metropolitana de Fortaleza**, volta-se à interpretação dos efeitos das novas formas de dominação no cotidiano de pessoas pobres envolvidas em relações de conflito. Em uma perspectiva compreensiva e recorrendo ao conceito weberiano de dominação, o autor aborda problemas como a

fronteirização do território e os seus efeitos sociais na vida de quem precisa respeitar e obedecer ao mando desses grupos, incluindo seus próprios membros. Em um cenário marcado pela ação de diferentes grupos em conflito, as facções criaram formas de intercâmbio, violência e gestão política da vida e da morte, impondo a negociação de circulações, aproximações e distanciamentos necessários para atender expectativas sociais decorrentes da dominação vigente. O texto explora um conjunto de minúcias que precisam ser compreendidas nas complexas teias de relações sociais constituídas por riscos, como o de ser considerado suspeito de trair ou frustrar as expectativas de controle do grupo armado que compreende um espaço social como de sua responsabilidade, exigindo dos outros respeito e reconhecimento para uma ordem das coisas.

Fechando a série de produções do LEV com o artigo **Dinâmicas “faccionais” e políticas estatais entre o dentro e o fora das prisões do Ceará**, Francisco Elionardo de Melo Nascimento e Ítalo Barbosa Lima Siqueira mostram a correlação entre as dinâmicas das facções e as das políticas penais e de segurança pública no Ceará. Baseados em duas pesquisas etnográficas sobre os coletivos prisionais e as práticas criminais em confronto direto com forças estatais nas prisões e nos bairros, os autores argumentam que ambas as dinâmicas borram as fronteiras entre prisões e periferias ao mesmo tempo em que estão em constante relação. Em outras palavras, o que ocorre dentro das prisões reflete no que acontece fora, e vice-versa. Embora as redes nacionais e internacionais de tráfico de drogas tenham lá sua participação nessas dinâmicas, destaca-se nessas correlações o protagonismo local nos acordos (e desacordos). Ao afirmarem que as dinâmicas dos mercados de drogas compreendem uma complexa rede de relações que não é totalizada pela ação das “facções”, os autores mostram a importância das análises locais e contextualizadas.

O dossiê prossegue com o tema das políticas faccionais com o artigo de Clóvis Roberto Zimmermann, **Rotas Alteradas: orga-**

**nizações criminais, hierarquia e território na atual configuração do mundo crime na Bahia.** A partir de uma pesquisa de campo e documental, também atenta às correlações entre o que ocorre nas ruas e nas prisões, o autor analisa as transformações ocorridas no mercado de drogas ilegais na Região Metropolitana de Salvador nos últimos 30 anos. No texto, o protagonismo dos atores locais é ainda mais evidenciado. Por meio da descrição do fluxo de mercadorias junto com elementos simbólicos e comportamentais, são apresentadas características singulares das dinâmicas de grupos criminais na Bahia, oferecendo uma boa contribuição para a área de estudos. Embora com intensas relações de troca (de bens e signos) com o PCC, o CV e a FDN, percebe-se a existência de certa autonomia dos vários agrupamentos locais, cujas dinâmicas – fluidas, instáveis e transitórias – estão intrinsecamente relacionadas às histórias locais. O autor é muito feliz em sua opção por não submeter esse cenário fragmentado aos enquadramentos analíticos provenientes do que (talvez erroneamente) costumou-se denominar “facções nacionais”. Diferentemente, prefere referir-se a esse fenômeno como mercados de drogas ilegais controlados por organizações criminais inter-relacionadas com grupos homônimos originários do Norte, Centro-Oeste e Sudeste do país.

O foco se desloca para as relações de força entre crime e Estado no artigo de Fabio Magalhães Candotti, **“Quando a massa erra, o estado avança”**: notas sobre transformações carcerárias e criminais em Manaus (Amazonas). Sustentado numa experiência de engajamento político ao lado de familiares de pessoas presas, o artigo descreve como no Amazonas, após o massacre de 2017, as políticas criminais foram impactadas pela militarização da administração carcerária, em tempos de expansão da rede de órgãos de fiscalização do sistema prisional. Conectando uma carta de denúncia, um salve, áudios, documentos estatais, conversas com sobreviventes e gestores, e cenas de inspeções dentro de prisões, o artigo propõe que as recentes e instáveis reconfigurações no crime amazonense (como uma grande alian-

ça em torno do CV e a posterior criação de outras duas facções) respondem a deslocamentos numa “gestão do sofrimento” e num “regime de tortura” elaborados na fronteira entre sistema carcerário e o sistema de justiça.

É justamente sobre essa fronteira que se debruçam Thaís Lemos e Juliana Melo, em *É guerra? Narrativas judiciais sobre a ação do PCC e do SDC*. Analisando decisões em segunda instância produzidas pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte, as autoras buscam refletir sobre o entendimento e o tratamento dado pelo sistema de justiça potiguar a grupos criminosos ligados ao tráfico de drogas. A partir dos dados expostos, verificam que as decisões judiciais são majoritariamente baseadas em relatos policiais e valem-se da narrativa de guerra entre SDC e PCC para identificar pessoas como pertencentes a organizações criminais e justificar a privação de liberdade. Nesses termos, verificam uma atuação homogeneizante do sistema de justiça, desconsiderando diferenças significativas entre o PCC e o SDC, focando no pertencimento a (qualquer) organização como sinal de perigo à ordem pública e auxiliando na construção social do crime subjacente a processos de sujeição criminal.

Ainda sobre discursos criminalizantes, em **A estabilização das representações criminais e psicotrópicas dos usuários e dos usos da Maconha no Brasil**, Ivan Fontes Barbosa propõe uma análise da transformação do imaginário sobre usuários de maconha no Brasil. Observando uma literatura que abordou de diferentes maneiras a maconha e seus usos – escrita por médicos, juristas, passando por folcloristas e cientistas sociais –, o artigo se vale da teoria da rotulação de Becker para avaliar um percurso de suas criminalizações. O autor discute com uma literatura contemporânea fortemente influenciada pela teorização biopolítica foucaultiana, na medida em que nota a associação entre maconha, seus usuários e propriedades medicinais e farmacológicas, no século XIX. No primeiro quartel do século XX, entretanto, assinala a mudança na direção das associações com

intoxicantes e degeneração racial e moral. Posteriormente, o repertório de representações caminha na direção de outra associação, de maconheiros e da maconha com um foco de decadência social, exigindo a mobilização de forças institucionais como a imprensa, instituições médicas e polícia para exercer controle repressivo sobre eles como criminosos. Esta será a cadeia social produtora de um manancial de símbolos que torna ilegal não só a “droga” como seus usuários. A aposta do autor é que esse processo está na base da produção simbólica da interdição moral e repressiva do usuário de maconha mediante rótulos criminais associados a grupos negros e populares.

Enfim, os últimos dois artigos dão relevância às mobilidades transestaduais e transnacionais tramadas em contextos nos quais a criminalização transborda o mercado de drogas. Voltando ao Norte do país, mas precisamente à fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa, Otávio Couto apresenta a realidade dos ilegalismos vividos em um território transnacional, em que as mobilidades se inscrevem em registros complexos entre os controles sociais definidos pelas normas dos estados nacionais e as dobras próprias dos fluxos entre fronteiras. O estudo, intitulado **Ilegalismos e sociabilidades transnacionais: a mitigação do crime e o controle social a partir das mobilidades de brasileiros na fronteira franco-brasileira**, propõe uma reflexão a respeito das formas de ilegalismos à luz de entrevistas e percepções oriundas de um fecundo trabalho de campo. Seu texto passeia por entre estados nacionais e mecanismos de segurança e normalização que, no cotidiano da fronteira, vão sendo agenciados pelas pessoas que precisam viver as diferentes realidades nacionais. O texto ainda nos oferece uma reflexão a respeito de como pesquisadores se veem diante de desafios intrigantes ao buscar conhecer as experiências transfronteiriças, uma vez que elas estão em movimentos que, em toda sua extensão, ultrapassam as lógicas de cada país para se fazerem entre as linhas, os cruzamentos e as contradições que povoam as regiões de fronteira. Assim, os ilegalismos nas fronteiras só podem ser com-

preendidos em sua complexidade, na medida em que envolvem múltiplas dimensões de vidas em fluxos transfronteiriços.

Voltando ao Nordeste e encerrando o dossiê, temos o artigo de Nido dos Santos, Ada Rízia de Carvalho e Rangel do Nascimento, **Entre terreiros, unidades de internação e grupos de internet: etnografando mobilidades nas fronteiras do (i)lícito e do (in)formal em Alagoas**. Colocando em diálogo suas pesquisas de campo em Alagoas, o texto apresenta uma etnografia cruzada de três trajetórias: um pai de santo homossexual que, nos anos 2000, mediava proteção para traficantes e ainda um circuito de divertimento sexual-erótico, e foi obrigado a fugir para São Paulo em função de mudanças no jogo de forças com policiais de baixa patente; uma jovem adolescente que, nos anos 2010, se engajava no transporte de cocaína entre o Nordeste e o Centro-Oeste e cuja internação motivou uma atenção especial por parte de um sistema socioeducativo que se adequava à emergência das facções; um homem, pai de três filhos e com formação superior, que no mesmo período se dedicava à instalação de som automotivo, participando ativamente de uma comunidade virtual onde disputava prestígio enquanto movia um mercado de peças numa extensa fronteira entre o legal e o ilegal. Vidas muito diferentes que, contudo, quando aproximadas etnograficamente, numa análise atenta às mobilidades e circulações de pessoas, objetos e informações, iluminam um conjunto articulado de transformações históricas recentes nas relações de força que regulam e conectam diferentes mercados formais e informais, legais e ilegais brasileiros (e não somente de Alagoas).

## No horizonte

A partir da perspectiva dos dez artigos feitos desde periferias urbanas muito diversas como são as situadas nos sete estados abarcados (dois do Norte e cinco do Nordeste), este dossiê pretende colaborar para a compreensão das transformações nas

políticas e mercados criminais e nas formas de exercício da violência no Brasil e na América do Sul. Ademais, o dossiê pretende também ser estímulo para desdobrar atuais e novas agendas de pesquisa. Isso inclui renovadas angulações sobre o passado “do crime”, seja como mercado, seja como política. As pesquisas sobre maconha no Nordeste parecem ganhar novo fôlego, agora como parte da história de mercados marginais que nunca tiveram atenção devida fora dos registros de repressão criminal e moral. Seja como região produtora seja como consumidora, o Norte-Nordeste tem sido foco de novas problematizações sobre as relações de produção e consumo da cannabis (Castro e Fraga, 2021; Fraga, 2014; 2020). Este também tem sido visitado recentemente como referência de avaliação de mudança em redes criminais, situadas em um período anterior e outro posterior à chegada das facções, ditas nacionais, PCC e CV (Matos Júnior; Santiago Neto, 2021). O anterior, marcado por uma maconha solta, “natural”, e a maconha do contexto posterior, “faccionada”, popularizada como “prensada”, vista pelos consumidores mais velhos como “impura”. Junto à mutação da mercadoria está embutida a transmutação de modos de operar negócios e políticas marginais.

Em outra direção, as preocupações de pesquisa que abordam as facções como regime de poder, e não como simples desvio legal combatido por forças de segurança e do sistema de justiça, também levam a novas tramas analíticas e temáticas. Se uma das principais características do PCC em São Paulo é que ele se mistura a composições locais e, conseqüentemente, se efetiva nas mais variadas formas (Biondi, 2018), seria importante escrutinar as características exógenas “abraçadas” pelos protagonistas locais, bem como o modo como condições locais imprimiram singularidades que fazem emergir PCCs com fortes características locais, distintas das encontradas em outras regiões (Paiva, 2019b). Já quanto ao CV, se sua dinâmica pautada na “amizade”, como é no Rio de Janeiro (Barbosa, 2001), se verifica também em outros estados, cabe mapear como essas alianças se atua-

lizam localmente. Mas, sobretudo, esforços ainda estão por ser feitos para entender como ocorre a co-atuação (em aliança ou em disputa) entre uma facção originalmente pautada na amizade e outra, na sintonia (Hirata e Grillo, 2017). Esse esforço permitiria colocar em discussão a adequação e o rendimento de abordá-las, analiticamente, como “facções nacionais”.

Ainda sobre o tema da “expansão”, mas também sobre a emergência de novas facções e redes criminais, em parte de agendas emergentes, aparecem trabalhos que destacam a necessidade de pensar como “o crime” agencia infraestrutura, serviços e proteção, produzindo a mobilidade de pessoas, a circulação de mercadorias ilegais e a comunicação digital no Norte-Nordeste (Fraga, 2014; 2019; Rodrigues e Amorim, 2020; Pinho; Rodrigues; Diniz, 2021). Tais movimentos expressam novas conexões entre atores que transitam e tecem negócios através de fronteiras internacionais e nacionais, interestaduais e intraestaduais. Ademais, tais fluxos ligam e são ligados por modais, como vias fluviais, aerovias, rodovias, incluindo rodoviárias e aeroportos legais e clandestinos. Ou seja, há de se observar as maneiras como o crescimento econômico vivido pelo Brasil, principalmente, na década de 2000, transformou as infraestruturas disponíveis nas margens, impactando o fluxo criminal (Canjão, 2018; Collins, 2021; Fraga, 2000; 2003; 2017).

Ainda na chave de compreensão da expansão faccional, as descobertas e sínteses feitas por alguns trabalhos deste dossiê também ajudam a precisar as lacunas persistentes a serem enfrentadas por futuras investigações. Por exemplo, como entender a expansão das facções não apenas pela chave dos interesses mercantis, frutos de interesses econômicos unilaterais, mas como parte da produção de regimes de poder entrelaçado a teias afetivas? Nessa chave, as ligações entre fraternidades políticas e irmandades-facções (Rodrigues, 2021b) e as produções de vínculos e conflitos afetivos ligados a performances e papéis de gênero e sexualidade ganham significado fundamental e não episódico.

No Norte-Nordeste, essa agenda vem sendo desenvolvida especialmente entre as pesquisadoras e os pesquisadores mais jovens. Ela inclui a compreensão do crescimento do encarceramento de mulheres, os efeitos do encarceramento de homens na vida de mulheres (Moore, 2017), mas também a participação de mulheres no mercado e na política do crime (Fraga e Silva, 2017; Santos, 2021), que têm crescido e se diversificado, apontando para uma renovação da agenda. Em outra direção, trabalhos que abordam as tradições de masculinidade e a participação de grupos trans começam a apontar novas possibilidades analíticas e de pesquisa (Nascimento, 2018).

Na mesma senda, a relação entre a proliferação de facções e a expansão do arquipélago carcerário no Norte-Nordeste brasileiro tem sido mais apontada que etnografada, assim como as relações entre cadeias e quebradas, ainda que com uma agenda já iniciada (Moore, 2020). Nos últimos anos, como mostram artigos deste dossiê, há transformações na gestão carcerária, como a militarização no Amazonas e no Ceará, que não podem ser desconsideradas. Por sinal, a história recente dos sistemas carcerários dessas regiões ainda está por ser escrita. Por outro lado, uma quantidade expressiva de pesquisas lidou, nos últimos anos, com o tema das dinâmicas de encarceramento de adolescentes e jovens nos sistemas socioeducativos do Nordeste, especialmente. Neles destacamos a produção da indiferença pelo Estado (Drybread, 2016) e a produção de afetividades, alianças e novas agências criminais (Carvalho, 2021; Drybread, 2014; Rodrigues; 2017; 2020). Desse conjunto de estudos vieram algumas das descobertas que apontaram uma compreensão mais detalhada de práticas criminalizadas em contextos anteriores e posteriores à emergência das facções. No horizonte estão os modos como as formas de trabalho disponíveis para as juventudes periféricas entrelaçam falta e presença de esperança no futuro, empregos informais e “uberizados” e perspectivas de ascensão social e enfrentamento da ordem por redes criminais.

A emergência das facções pode, ainda, provocar a promoção de outros temas e perguntas interseccionadas. Como a vida de moradores de periferias de pequenas e médias cidades têm sido interpenetradas por alianças e conflitos entre facções e forças de segurança? Estas, agora, incluem o poder armado de guardas municipais, que também passam a atuar, extorquindo mercados ilegais operados por atores faccionados e não-facionados junto a atores mais antigos, os policiais militares (Cavalcanti Filho, 2019, Bezerra, 2020). No interior e nas fronteiras nacionais da região Norte, há cada vez mais notícias da presença de facções no garimpo ilegal. Por outro lado, não é novidade o envolvimento de grupos ligados às forças de segurança do estado na gestão de mercados de ouro e madeira, ainda que eventos recentes demonstrem um grau de organização novo, sustentado na própria modernização (pouco estudada) da segurança pública<sup>7</sup>. Ou seja, para além do mercado de drogas ou conectado a ele, há outros que parecem ser objeto de atenções do crime e das polícias. Algo que, por um lado, convida os estudos sobre crime a se reconectarem à vasta tradição de pesquisas sobre frentes de expansão, e não somente na Amazônia. Por outro, implica um investimento em análises dos “mercados de proteção”, seus funcionamentos e histórias (Misse, 1999; Rodrigues, Carvalho, Santos, 2020; Bezerra, 2020; Rodrigues, 2019, 2021c).

São muitas as possibilidades que atualmente podem ser postas no horizonte, outras sequer podemos entrever. Entretanto, uma delas parece importante destacar neste final. Trata-se de pensar como as investigações sobre mercados e políticas marginais e ilegais no presente podem ajudar a formular novas compreensões sobre as ligações entre presente e passado. No horizonte, está o diálogo com perspectivas que abordaram a violência no campo, o banditismo, os conflitos atrelados a redes de proteção políticas e afetivas. Atual-

7 Em julho de 2021, o secretário adjunto de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública do Amazonas foi preso em operação da Polícia Federal acusado de roubo de ouro através do uso da própria estrutura do estado (Queiroz, 2021).

mente, os “conflitos violentos” tendem a ser interpretados através da ênfase sobre as mudanças recentes e pouco tem sido investido na percepção teórica das continuidades reproduzidas em teias de relações de maior duração, igualmente importantes.

## Referências

Albuquerque, José Lindomar; Paiva, Luiz Fábio. Entre nações e legislações: algumas práticas de ‘legalidade’ e ‘ilegalidade’ na tríplice fronteira amazônica (Brasil, Colômbia, Peru). **Ambivalências**, Aracaju, v. 3, n. 5, p. 85-114, 2015.

Alencar, Eduardo Matos. **De quem é o comando?** o desafio de governar uma prisão no Brasil. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2019.

Almeida, Rosemary de Oliveira. **Mulheres que matam:** universo imaginário do crime no feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará; NUAP, 2001.

Aquino, Jânia Perla Diógenes de. Pioneiros: o PCC e a especialização no mercado dos grandes roubos. **Journal of Illicit Markets and Development**, v. 2, p. 80-100, 2019.

Aquino, Jânia Perla Diógenes de. Redes e conexões parciais nos assaltos contra instituições financeiras. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 3, n. 10, p. 75-100, 2010.

Barbosa, Antonio Rafael. **Um abraço para todos os amigos:** Algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: Eduff, 1998.

Barbosa, Antonio Rafael. Segmentaridade e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. **Alceu**, v. 2, n. 3, p. 166-179, 2001.

Barreira, César. **Crimes por encomenda:** violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará; NUAP/UFRJ, 1998.

Bezerra, Raphael Bruno do Nascimento. **Segurança além da Polícia: uma etnografia das lógicas securitárias não estatais em um bairro do Recife.** 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Biondi, Karina. **Junto e Misturado:** uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

Biondi, Karina. **Proibido roubar na quebrada:** território, hierarquia e lei no PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.

Biondi, Karina. A Revolução Copernicana nos estudos entre o legal e o ilegal, **ICHAN TECOLOTL**, México, 2021. Disponível em: <<https://ichan.ciesas.edu.mx/a-revolucao-copernicana-nos-estudos-entre-o-legal-e-o-ilegal/>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Candotti, Fábio Magalhães; Melo da Cunha, Flávia; Siqueira, Ítalo Barbosa Lima. A grande narrativa do Norte: considerações na fronteira entre crime e Estado. In: Mallart, Fábio; Godoi, Rafael (Org.). **BR 111: as rotas das prisões brasileiras**. São Paulo: Veneta, 2017. p. 35–47.

Candotti, Fábio Magalhães; Pinheiro, Israel; Alves, Jander Batista. Dispositivos de segurança e justiça de rua: Outras questões sobre assaltos, vigilantismos e linchamentos. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 12, n. 3, p. 647–673, 2019.

Canjão, Isanda Maria. **Não entra errado, tá Iraque tá o terror: Deslocamento habitacional e sociabilidade violenta em um bairro de São Luís**. 2018. 204f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

Carvalho, Ada Rízia Barbosa de. **Cadeias de tensão: repertórios disciplinares de “facções” e do “sistema” em unidades de internação alagoanas**. 2021. 206 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Carvalho, Ada Rízia Barbosa de; Santos, Alana Barros. Algumas expressões da guerra entre facções nas unidades de internação alagoanas. *Áskesis*, v. 9, n. 1, p. 19–35, 2020.

Carvalho, Robson. **O tempo como pena e o trabalho como “prêmio”: o cotidiano de presos na Penitenciária Industrial Regional de Sobral (PIRS)**. 2009. 191p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Carvalho Filho, Milton Júlio. A pesquisa etnográfica com homens na fronteira entre o cárcere e a rua. **Tempo da Ciência**, v.17, n.34, p. 117-135, 2010.

Castro, Marco Vinicius de; Fraga, Paulo Cesar Pontes. Redes de usuários-cultivadores de cannabis no Brasil. Móveis morais e relações sociais. **Sociologia On Line**, n. 25, p. 86–107, abr. 2021.

Cavalcante, Ricardo Moura Braga. **Vidas breves: investigação acerca dos assassinatos de adolescentes em Fortaleza**. 2011. 161f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

Cavalcante, Teburcio. **Controle social e resistência: a fabricação do cotidiano de uma instituição disciplinar para adolescentes infratores**. 2006.

118f. Dissertação (Mestrado em Sociologia.) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Cavalcanti Filho, Ricardo Caldas. **Polícia, Mercado de Drogas e Mortes Violentas: um estudo etnográfico sobre a regulação não-estatal da violência numa comunidade da zona sul do Recife**. 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Cerno, Leonardo; Obermeier, Franz. Cartas de indígenas potiguaras de las Guerras Holandesas en el Brasil (1645-1646). **Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana**, v. 3, n. 1, 2013.

Collins, John. 'Look at that': Cures, Poisons, and Shifting Rationalities in the Backlands that have become a Sea (of Money). In: Junge, Benjamin; Mitchell, Sean; Jarrin, Alvaro; Cantero, Lucia. **Precarious Democracy: Ethnographies of Hope, Despair, and Resistance in Brazil**. New Brunswick: Rutgers University Press, 2021, p. 103-115.

Couto, Aiala Colares. Gangues, pichações e facções: evolução e configuração geográfica dos territórios do tráfico de drogas na periferia de Belém. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, v. 07, n. 02, p. 119-141, jul-dez, 2020a.

Couto, Aiala Colares. Ameaça e caráter transnacional do narcotráfico na Amazônia Brasileira. **Confins**, vol. 44, 2020b.

Couto, Aiala Colares. Do narcotráfico às narcomilícias: configurações territoriais sobrepostas na periferia de Belém. **Territorium: Revista de Riscos, Prevenção e Segurança**, vol. 1, 2020c, pp. 103-13.

Couto, Aiala Colares. Fronteiras e estruturas espaciais do narcotráfico na Amazônia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, vol. 47, 2020d, pp. 1-24.

Couto, Aiala Colares. Necropolítica e racismo na construção da cartografia da violência nas periferias de Belém. **Revista USP**, vol. 129, 2021, pp. 63-80.

Conceição, Thiago Neri da. **O comando é noiz: descobrindo o tráfico na periferia de Salvador**. 2016. 167f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Daudelin, Jean; Ratton, José Luiz. Mercados de Drogas, Guerra e Paz no Recife. **Tempo Social**, v. 29, p. 115-132, 2017.

Daudelin, Jean; Ratton, José Luiz. **Illegal markets, violence, and inequality: evidence from a Brazilian metropolis**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2018.

- Dias, Camila C. Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- Diógenes, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 2008.
- Drybread, Kristen. Documents of indiscipline and indifference: The violence of bureaucracy in a Brazilian juvenile prison. **American Ethnologist**, v. 43, n. 3, pp. 411–423, 2016.
- Drybread, Kristen. Murder and the Making of Man-Subjects in a Brazilian Juvenile Prison. **American Anthropologist**, v. 116, n. 4, p. 752–764, 2014.
- Feltran, Gabriel. **Irmãos: uma história do PCC**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- Feltran, Gabriel. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- Foucault, Michel. **Em defesa da sociedade**. curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Fraga, Paulo César Pontes. Illicit Crops in Brazil. The Rural Workers between Income and the Exploitation of Drug Trafficking. **Humanities and Social Sciences**, v. 2, n. 6, p. 211, 2014.
- Fraga, Paulo César Pontes. Juventude, narcotráfico e violência no Brasil: para além do rural e do urbano. In: Ribeiro, Ana Maria Mota; Iulianelli, Jorge Atílio S. (Org.). **Narcotráfico e violência no campo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 286.
- Fraga, Paulo César Pontes; Silva, Joyce Keli Do Nascimento. A participação feminina em mercados ilícitos de drogas no Vale do São Francisco, no Nordeste brasileiro. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 135-158, ago. 2017.
- Fraga, Paulo. Cannabis plantations as an aspect of population survival and as a public policy and security issue in the northeast region of Brazil. **Cultura y Droga**, v. 25, n. 30, p. 37–60, 2020.
- Freitas, Geovani Jacó de. **Ecos da violência : narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.
- Godinho Neto, Solon Pessoa. **“CPF Cancelado”: um estudo sociológico dos linchamentos em Manaus-Brasil**. 2021. 135f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Heredia, Beatriz M. Alasias de. Lutas entre iguais: as disputas no interior de uma facção política. In: Palmeira, Moacir; Barreira, César (Org.). **Política no Brasil: visões de antropólogos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: NUAP/UFRJ, 2006. p. 165–179.

Hirata, Daniel. **Sobreviver na adversidade: mercados e formas de vida.** São Carlos: EdUFSCar, 2018.

Hirata, Daniel. Letalidade e ilegalismos de negócios em uma tríplice fronteira sul-americana: Primeira aproximação. **Dilemas. Revista de Estudos sobre Conflito e Controle Social.** Edição Especial n. 3, pp. 173-197, 2019.

Hirata, Daniel; Grillo, Carolina. Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro. Perspectivas Comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e Rio de Janeiro. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 75-97, 2017.

Lima, Renato Sérgio de. Rotas da Insegurança e da Violência no Brasil. **Interesse Nacional**, n. 37, 2017.

Lima Corrêa, Sílvia Adriana. **A reprodução do estigma: sobre um (des)conhecido “lugar perigoso” da periferia de Manaus.** 2017. 188f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Lopes Silva, Luiz Eduardo; Bezerra, Vinicius. “Comando Organizado do Maranhão” (C.O.M) e a guerra de facções na periferia maranhense. **História Revisita**, v. 25, n. 3, p. 111–132, 28 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/66176>>.

Lourenço, Luiz ; Almeida, Odilza. “Quem mantém a ordem, quem cria desordem” Gangues prisionais na Bahia. **Tempo Social**, v. 25, n. 1, p. 37-59, 2013.

Machado da Silva, Luiz Antonio. Violência Urbana: representação de uma ordem social. In: Nascimento, Elimar Pinheiro; Barreira, Irllys. (Org.). **Brasil Urbano: cenários da ordem e da desordem.** Rio de Janeiro: Notrya, 1993. p. 145–155.

Manso, Bruno Paes; Dias, Camila. **A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil.** São Paulo: Ed. Todavia, 2018.

Mallart, Fábio; Godoi, Rafael (Org.). **BR 111: as rotas das prisões brasileiras.** São Paulo: Veneta, 2017. p. 35–47.

Mallart, Fábio. **Cadeias dominadas: a Fundação Casa, suas dinâmicas e as trajetórias de jovens internos.** São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

Marinho, Camila Holanda. **Viúvas de gangues: o universo interdito da violência urbana.** 2004. 166f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de ciências sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Marques, Adalton. **Crime e proceder: um experimento antropológico.** São Paulo: Alameda, 2014.

Marques, Ana Cláudia. **Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

Martins, José de Souza. **Fronteira - A degradação do Outro nos confins do humano**: v. 1. São Paulo: Contexto, 2009.

Matos Júnior, Clodomir Cordeiro de. **Violência, cidadania e medo: vivências urbanas em Fortaleza**. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Matos Júnior, Clodomir Cordeiro de; Santiago Neto, João Pedro de. Redes criminais, tráfico e consumo de drogas nas periferias de Fortaleza, Ceará, Brasil (2000-2020). **Cultura y droga**, v. 26, n. 32, p. 17-39, 2021

Melo, Flávia; Olivar, Jose Miguel Nieto. O ordinário e o espetáculo no governo da fronteira: normatividades de gênero em Tabatinga. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 34, n. 101, p. 1-18, 2019.

Melo, Juliana Gonçalves; Rodrigues, Raul Nascimento. “É a guerra”! Uma breve análise sobre o Massacre na Prisão de Alcaçuz/RN e o fortalecimento de coletivos criminosos no Estado. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas**, v. 4, n. 1, p. 293-310, 2018.

Melo, Juliana; Paiva, Luiz Fábio S. Violências em territórios faccionados do Nordeste do Brasil: notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. **Revista USP**, v. 1, n. 129, p. 47-62, 2021.

Misse, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. 414f. Tese (Doutorado em Sociologia) IUPERJ, Rio de Janeiro.

Moore, Hollis. **Imprisonment and (Un)Relatedness in Northeast Brazil**. 2017. 386f. Thesis (PhD in Anthropology) - Department of Anthropology, University of Toronto, Toronto.

Moore, Hollis. Extralegal Agency and the Search for Safety in Northeast Brazil. **The Cambridge Journal of Anthropology**, v. 38, n. 1, p. 33-51, 1 mar. 2020.

Moore, Hollis. The “Mata Escura” Penal Compound: an analysis of the prison-neighbourhood nexus in Northeast Brazil. **Carceral communities in Latin America: troubling prison worlds in the 21st century**. Cham, Switzerland: Palgrave Mcmillan, 2021. p. 171-194.

Moreira, Hélio Luiz Fonseca. **Trabalho, códigos, gratidão e reciprocidade na prisão: um estudo de caso na Penitenciária Estadual de Parnamirim, no Estado do Rio Grande do Norte**. 2007. 332 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.

Nascimento, Emerson Oliveira. Acumulação social da violência e sujeição criminal em Alagoas. **Sociedade e estado**, v. 3, n. 2, p. 465-485, 2017.

Nascimento, Francisco Elionardo de Melo. **Travestilidades aprisionadas: narrativas de experiências de travestis em cumprimento de pena no Ceará**. 2018. 163f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

Olivar, José Miguel Nieto. Performatividades governamentais de fronteira: a produção do Estado e da fronteira através das políticas de tráfico de pessoas na Amazônia brasileira. **Ambivalências**, v. 3, p. 149, 2015.

Olivar, Jose Miguel Nieto. Género, dinero y fronteras amazónicas: la 'prostitución' en la ciudad transfronteriza de Brasil, Colombia y Perú. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 51, e175115, 2017.

Oliveira, João Pacheco de. **A lágrima Ticuna é uma só**. Rio de Janeiro: MAGUTA/CEDI/PETI, 1988.

Oliveira, João Pacheco de. **Regime tutelar e faccionalismo. Política e religião em uma reserva Ticuna**. Manaus: UEA Edições/PNCSA, 2015.

Oliveira, Luana. **Os filhos evangélicos do novo caldeirão do diabo: a conversão religiosa na Penitenciária de Alcaçuz**. 2012. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Oliveira, Marcos Roberto Russo de. **Amizades, porradas, facadas e caseiras fumegantes: uma história das galeras de Manaus (1985-2000)**. 2017. 434f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Paiva, Luís Fábio Silva. As dinâmicas do mercado ilegal de cocaína na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 34 n. 99, 1-19, 2019a.

Paiva, Luiz Fábio da Silva. "Aqui não tem gangue, tem facção": as transformações sociais do crime em Fortaleza, Brasil. **Caderno CRH**, v. 32, n. 85, p. 165-184, 2019b.

Paiva, Luiz Fábio Silva. Nas margens do Estado-nação: as falas da violência na tríplice fronteira amazônica. **Tomó**, v. 27, p. 327-359, 2015.

Paiva, Luiz Fábio Silva. **Contingências da violência em um território estigmatizado**. Campinas: Pontes, 2014.

Paiva, Luiz Fabio Silva; Barros, João Paulo Pereira; Cavalcante, Ricardo Moura Braga. Violência no Ceará: as chacinas como expressão da política e do conflito entre facções. **O público e o privado**, v. 33, p. 73-98, 2019.

Palmeira, Moacir. Nordeste: violência e política no século XX. **Revista de Ciências Sociais**, v. 37, n. 1, p. 53-62, 2006.

Pereira, Ingridy Patrycy Schaefer. **Por trás das grades: um estudo antropológico sobre adolescentes, privação de liberdade e sexualidade em um centro socioeducativo de João Pessoa-PB**. 2015. 124f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Pinheiro, Israel. **Regimes de violência: narrativas ao redor de um lugar “seguro”**. 2017. 144f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Pinho, Isabella Viana; Rodrigues, Fernando de Jesus; Diniz, Gregório Zambon. **Co-governos ilegais: polícia e crime na regulação dos mercados de drogas em São Paulo e Alagoas**. 2021, Caxambu, MG: ANPOCS, 2021. 20p.

Prando, Camila Cardoso de Mello. A gestão de documentos no desaparecimento dos presos: a prática burocrática como violência. **Rede – Revista Eletrônica Direito e Sociedade**, v. 9, n. 3, p. 39-49, 2021.

Ribeiro de Oliveira, Luciana Maria. **Crime é coisa de mulher: identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens**. Recife: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

Rodrigues, Fernando. Tradições de agressividade, disciplina e sistema de interação de jovens em Alagoas (1980-2015). **Interseções**, v. 19, n. 2, p. 483-513, 2017.

Rodrigues, Fernando de Jesus. Mercados ilícitos, ambivalências e agressividade: condições estatais e mercantis de um circuito de bailes de reggae em “periferias” de Maceió, AL. **Contemporânea**, v. 9, n. 1, p. 199-227, 2019.

Rodrigues, Fernando de Jesus. “Corro com o PCC”, “Corro com o CV”, “Sou do crime”: facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 103, p. 1-21, 2020a.

Rodrigues, Fernando de Jesus. “Necessidade” de “polícia” e a “paz” das “facções”: desejos de “ordem” e efeitos de “desordem” nas periferias de Maceió, AL. In: Bittencourt, João Batista de Menezes (Org.). **Juventudes contemporâneas: desafios e expectativas em transformação**. Rio de Janeiro: Telha, 2020b. p. 126-142.

Rodrigues, Fernando de Jesus; Amorim, Adson. **“Quando sair dessa cadeia, não posso mais voltar”: facções, afetos e migração nas trajetórias de adolescentes alagoanos rumo a outro bairro e outras cidades do centro-sul e regiões de fronteira**. Anais da 32ª Reunião Brasileira de Antropologia - Saberes insubmissos: diferenças e direitos 2020, Rio de Janeiro: ABA, 2020c. 20p.

Rodrigues, Fernando de Jesus. “Grupos armados e fraternidades políticas após as facções nacionais: os “Neutros” em Maceió-Alagoas”. **Anais do XI Seminário do Grupo de Pesquisa Periferias, Afetos e Economias das Simbolizações (GRUPPAES)**. Maceió, 20p., 2021a.

Rodrigues, Fernando de Jesus. Neutros: novos atores criminais, o combate local às facções nacionais e os homicídios em Maceió, Alagoas. **Blog da SBS**, 2021b. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/blog/2021/09/09/neutros-novos-atores-criminais-o-combate-local-as-faccoes-nacionais-e-os-homicidios-em-maceio-alagoas/>>. Acesso: 01 dez 2021.

Rodrigues, Fernando de Jesus. **A rua, a grota e o meio: a balança polícia-crime “antes” e “depois” das facções em uma periferia de Maceió**. Anais do 45º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú-MG, 2021c.

Rodrigues, Fernando de Jesus; Carvalho, Ada Rízia Barbosa de; Santos, Alana Barros. Notas sobre redes de proteção: facção, família e crime em periferias urbanas de Alagoas. **Diversitas Journal**, v. 5, n. 3, p. 2297–2316, 2020.

Sá, Leonardo. A condição de ‘bichão da favela’ e a busca por ‘consideração’: uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 4, n. 2, p. 339–355, 2011.

Santos, Leonardo Alves dos. **Emoção e penalidade: mulheres no Complexo Penal Dr. João Chaves**. 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Santos, Sérgio da Silva. **Facções Criminosas Em Alagoas: Violência Urbana, Racismo, Sociabilidades Juvenis e Territorialidades**. Maceió: Ed. do autor, 2021.

Segundo, Breno. **Os sentidos do aprisionamento na contemporaneidade: um estudo de caso no Presídio do Serrotão em Campina Grande-PB**. 2011. 216f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Sigaud, Lygia. A luta de classes em dois atos: notas sobre um ciclo de greves camponesas. **Dados**, v. 29, n. 3, p. 319–343, 1986.

Sigaud, Lygia. **Greve nos engenhos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

Siqueira, Ítalo Barbosa Lima; Paiva, Luiz Fábio da Silva. “No Norte, tem Comando”: as maneiras de fazer o crime, a guerra e o domínio das prisões do Amazonas. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 07, n. 17, p. 125–154, 2019.

Silva, Vanderlan F. e Gomes, Valdeci. **Nas tramas da prisão: corporalidades, drogas, trabalho e resistências no Complexo Penitenciário do Serrotão**. João Pessoa: EDUEPB, 2020.

Siqueira, Ítalo Barbosa Lima. **Aqui ninguém fala, escuta ou vê. Relatos sobre o cotidiano profissional dos agentes de segurança penitenciária em Manaus.** 2016. 224f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

Sousa, Nelydélia. **Trabalhador ou Bandido? A Construção e o Conflito de Identidades na Penitenciária Industrial Regional de Sobral.** 2008. 126f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Schwartz, Stuart B. **Segredos Internos: Engenhos e Escravos na sociedade colonial 1550-1835.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Telles, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

Velho, Otavio. **Frentes de expansão e estrutura agrária.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

Vilella, Jorge Mattar. Família como Grupo? Política como Agrupamento? O Sertão de Pernambuco no mundo sem solidez. **Revista de Antropologia**, v. 52, n. 1, p. 241–245, 2009.

Vilella, Jorge Mattar. **O Povo em Armas: violência e política no sertão de Pernambuco.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; NUAP/UF RJ, 2004.

Vilella, Jorge Mattar. **Ordem pública e segurança individual: política e polícia no sertão de Pernambuco.** São Carlos: EdUFSCar, 2011.

Weinstein, Barbara. **A Borracha Na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920).** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Zaluar, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

Zaluar, Alba; Barcellos, Christovam. Mortes prematuras e conflito armado pelo domínio das favelas no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 81, p. 17–31, 2013.

## Hemeroteca

Alessi, Gil. Massacre em presídio de Manaus deixa 56 detentos mortos. **El País (online)**. 02/01/2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483358892\\_477027.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/02/politica/1483358892_477027.html). Acesso em: 01/12/2021.

Alves, Martha; Carmo, Sidney; Dall'agnol, Camila. Rebeliões deixam ao menos 18 mortos em presídios no Norte. **Folha de S. Paulo (online)**, 17/10/2016. Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/10/1823433-briga-de-faccoes-deixa-12-mortos-em-presidio-de-roraima.shtml>. Acesso em 01/12/2021.

Araújo, Ricardo. Penitenciária de Alcaçuz tem 71 presos ‘desaparecidos’, aponta relatório. **Estadão (online)**. 16/05/2017. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,penitenciaria-de-alcacuz-tem-71-presos-desaparecidos-aponta-relatorio,70001786510>. Acesso em 01/12/2021.

Correia, Luan. Massacre em Roraima foi o 3º maior da história dos presídios brasileiros. **O Globo (online)**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/massacre-em-roraima-foi-3-maior-da-historia-dos-presidios-brasileiros-20739320>. Acesso em 01/12/2021.

Queiroz, Joana. Secretário adjunto de inteligência é preso em operação da PF e MPE. **A Crítica (online)**. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/secretario-adjunto-de-inteligencia-e-preso-em-operacao-da-pf-e-mpe>. Acesso em 01/12/2021.